

CARACTERIZAÇÃO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO SETOR COMERCIAL DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA – PB

OLIVERA, Marcos Macri¹
LIMA, Rosimery Alves de Almeida²
LIMA, Amanda da Costa³
PANDURO, David Armando Vasquez⁴
MACRI, Luma Michelly Soares Rodrigues⁵
ASSIS, Lilian Figueirôa de⁶

Resumo: As Micros e Pequenas Empresas já são as principais geradoras de riqueza no comércio brasileiro, sendo inquestionável a sua relevância na economia nacional. Desse modo, em um mundo regrado pela evolução constante, caracterizar o atual ambiente de negócios e de gestão em que atuam organizações de diversas naturezas, significa analisar aspectos históricos, econômicos e sociais que, sistemicamente, modelaram a estrutura conjuntural global que influencia determinantemente a forma como essas empresas atuam, assim como seus resultados finais. Assim, objetiva-se caracterizar o atual ambiente de negócios e de gestão das micros e pequenas empresas do setor comercial de Tecnologia da Informação da cidade de João Pessoa – PB. Para tanto, utilizou-se de Revisão da literatura pertinente ao tema em estudo por meio do modelo proposto por Leite *et al.*, (2018). Conclui-se que as intensas transformações ocorridas nas últimas décadas forçaram as nações a desenvolver estratégias de atuação fundamentadas, não mais em recursos naturais e sim em capital humano e tecnológico. Tais mudanças, aos quais os ambientes competitivos foram submetidos, provocaram sensíveis alterações na forma como as organizações se relacionavam com o ambiente, assim como nas crenças a respeito das práticas de gestão adequadas para a obtenção do sucesso empresarial.

Palavras-chave: Micro e pequenas empresas. Tecnologia da informação. Ambiente organizacional.

CARACTERIZATION OF MICRO AND SMALL COMPANIES OF THE COMMERCIAL SECTOR OF INFORMATION TECHNOLOGY OF THE CITY OF JOÃO PESSOA – PB

1 Administrador. Especialista da Gestão da Qualidade e Produtividade. Mestre em Engenharia da Produção. Universidade Federal da Paraíba. E-mail: macri.ccjs@gmail.com

2 Administradora. Mestranda em Recursos Naturais. Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: ralvesalmeidalima@gmail.com

3 Administradora. Especialista em Gestão da Qualidade e Produtividade. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: amdclimaa@gmail.com

4 Engenheiro de Sistemas e Informática. Universidad Nacional de la Amazonía Peruana. E-mail: dpandurov@hotmail.com

5 Administradora. Especialista em Gestão Ambiental. Mestranda em Sistemas Agroindustriais. Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: luma_michelly@hotmail.com

6 Administradora. Especialista em Gestão Ambiental. Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: assislilianf@gmail.com

Abstract: The Micros and Small Companies are already the main generators of wealth in the Brazilian trade, being unquestionable its relevance in the national economy. Thus, in a world governed by constant evolution, characterizing the current business and management environment in which organizations of various natures operate, it means analyzing historical, economic, and social aspects that have systematically modeled the global conjunctural structure that decisively influences the form how these companies operate, as well as their bottom line. Thus, it aims to characterize the current business and management environment of micro and small companies in the commercial Information Technology sector of the city of João Pessoa - PB. In order to do so, we used a review of the literature relevant to the topic under study using the model proposed by Leite *et al.* (2018). It is concluded that the intense transformations that occurred in the last decades forced the nations to develop strategies of action based, no longer on natural resources but on human and technological capital. Such changes, to which competitive environments were subjected, have brought about sensitive changes in the way organizations relate to the environment, as well as beliefs about management practices that are appropriate for achieving business success.

Keywords: Micro and small businesses. Information Technology. Organizational environment.

1. Introdução

As micros e pequenas empresas (MPEs) têm sido objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento. Estas, em linhas gerais, têm procurado um melhor entendimento sobre as MPEs para propor soluções, sob a perspectiva de seus conhecimentos, que maximizem o desempenho competitivo das mesmas, possibilitando o alcance de melhores resultados finais, sendo indispensável o uso de ferramentas estratégicas (STÁBILE; BEZERRA; DIAS, 2017).

Países como os EUA, Japão, Comunidade Européia e Brasil, entendem como estratégico o estágio de desenvolvimento das MPEs. Tal posicionamento é reforçado pelas ações que estes países têm implementado, ou demonstrado interesse em implementar, em prol do crescimento efetivo das MPEs, dado o papel desempenhado por estas nos diversos contextos de interesse das nações, mobilizando governos, instituições de pesquisa, dentre outros.

As MPEs já são as principais geradoras de riqueza no comércio brasileiro, sendo inquestionável a sua relevância na economia nacional (SEBRAE, 2014). Apesar disto, não parecem existir evidências claras de uma evolução satisfatória do desempenho competitivo das MPEs, haja vista o alto índice de mortalidade das mesmas em todas as regiões do país, pois 58% dessas fecharam as portas antes de completar cinco anos (SEBRAE, 2011).

Desse modo, em um mundo regrado pela evolução constante, caracterizar o atual ambiente de negócios e de gestão em que atuam organizações de diversas naturezas, significa analisar aspectos históricos, econômicos e sociais que, sistemicamente, modelaram a estrutura conjuntural global que influencia determinadamente a forma como essas empresas atuam, assim como seus resultados finais.

Essa análise, recorrente na literatura especializada, observa como o ambiente, ao assumir suas características presentes, se relaciona com os diversos agentes que fazem parte do dia-a-dia cotidiano, empresarial ou não, procurando evidenciar relações e propor soluções satisfatórias.

A tecnologia da informação, por sua vez, enlaçada à globalização, tornou-se agente de desenvolvimento, não somente do processo informativo e de comunicação, mas também alicerçando o surgimento de novos recursos de gestão e de soluções empresariais alinhadas com a inovação e com a rapidez, visto que a informação estratégica apresenta-se como elemento crucial para a competitividade dos negócios, na qual permite a avaliação dos riscos que podem surgir no processo decisório (DIANA; CONEJERO; MANGINI, 2017).

Face ao exposto, objetiva-se: Caracterizar o atual ambiente de negócios e de gestão das micros e pequenas empresas do setor comercial de Tecnologia da Informação da cidade de João Pessoa – PB. Para tanto, utilizou-se de Revisão da literatura pertinente ao tema em estudo.

A relevância deste estudo justifica-se pela razão de que, sendo o Brasil um país do empreendedorismo, geralmente, as ideias de novos negócios acabam concretizando-se, muitas das vezes, no formato de micros e pequenas empresas sejam pela questão das desburocratizações administrativas e jurídicas, no campo burocrático, por exemplo, pela facilidade a créditos nas instituições financeiras, pela considerável participação no mercado, considerando a abrangência de segmentos, bem como pelo fato de ser geradoras de emprego e renda, contribuindo, pois, com a movimentação da economia brasileira.

Nesse sentido, ao tratar-se da relevância das MPEs às nações, é possível enfatizar sua importância nas esferas política, ambiental, por exemplo, contribuindo, assim, em termos sociais, também, para a elaboração de políticas públicas voltadas para esta categoria empresarial e para o crescimento econômico do Brasil. Já a contribuição deste trabalho em relação ao meio acadêmico refere-se à importância de se dissipar mais conhecimentos sobre o perfil destas empresas, visto que há escassez de estudos sobre esta temática.

Assim, escolheu-se o setor comercial de tecnologia da informação da cidade de João Pessoa - PB, com objeto de pesquisa deste estudo, considerando suas características

marcantes, a jovialidade e interação com os demais ramos empresariais. Esta escolha remete-se à importância que o setor detém no cenário competitivo internacional.

Todo esse arcabouço de importância que reveste o referido setor, desperta interesse explícito em caracterizar realidades ainda não abordadas, seja pela especificidade ou pelo regionalismo desse objeto em estudo, bem como em abrir caminhos para novas propostas que contribuam substancialmente com o desenvolvimento da competitividade de conjuntos empresariais que condicionam o crescimento sócio-econômico local.

2. Metodologia

Desenvolveu-se este trabalho por meio de uma abordagem qualitativa, seguindo a proposta de Leite *et al.*, (2018), com revisão da literatura pertinente a temática em estudo, com o intento de caracterizar o atual ambiente de negócios e de gestão das micros e pequenas empresas do setor comercial de Tecnologia da Informação da cidade de João Pessoa – PB.

Na revisão de literatura, fez-se a busca considerando algumas palavras-chaves, com variação entre os seguintes termos: micros empresas, pequenas empresas e Tecnologia da Informação.

Após a conclusão dessa busca nas bases de dados disponíveis no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, sendo: Scielo, Biblioteca digital de teses e dissertações – BDTD e Portal para periódicos de livre acesso na internet. Selecionou-se os trabalhos excluindo os repetidos. Em seguida, analisou-se o quanto os títulos estavam alinhados ao objetivo deste estudo.

Feito isso, submeteu-se os mesmos à análise do alinhamento do resumo e palavras-chave em relação ao objetivo deste estudo, novamente. Restou-se, então, vinte e quatro trabalhos com títulos, resumos e palavras-chave alinhados. Estes trabalhos foram publicados nos últimos quarenta anos e estão disponíveis de forma gratuita nessas bases.

Ressalta-se que essa revisão da literatura e a organização dos recortes bibliográficos foram realizadas no segundo semestre de 2017, no entanto, abrangeu-se estudos dos anos 1962 até o ano de 2017, considerando que isso contribuiria com uma discussão mais abrangente e relevante para este trabalho.

3. Resultados e discussão

3.1 – A formação do atual ambiente competitivo e sua influência sobre as organizações

A globalização, mundialização, capitalismo e neo-liberalismo são um dos assuntos mais explorados quando se trata de arguir sobre o ambiente em que atuam as organizações na atualidade. Assim, com crescente conhecimento e progresso tecnológico da sociedade são demandadas das organizações habilidades de aprendizado que possam ajudá-las a acompanhar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Tal discussão, pois, vem sendo abordada desde o início da década de 80, momento histórico culminante com a ascensão de dois precursores das mudanças que foram as bases para a construção do cenário presente: Ronald Reagan e Margareth Thatcher – elevados ao poder pela crise evidente do modelo keynesiano de desenvolvimento e que se tornou obsoleto com a evolução da inflação e da estagnação econômica do fim dos anos 70 (EICHENBERG, 2002).

Antenado ao momento, já na metade da década de 80, Toffler (1985) indicava que as mudanças vigentes, advindas de um processo de desenvolvimento e mundialização crescentes, provocariam repercussões amplas e que, naquele momento, já não era possível ignorar que algo extraordinário acontecia, inclusive, para todo o sistema de vida vigente, visto que, todos os avanços tecnológicos são acompanhados por mudanças sociais, demográficas e políticas igualmente importantes.

De fato, o movimento neo-liberal capitalista vivenciado tinha seu ímpeto amplificado pela evolução tecnológica que iniciava um processo acelerado de aproximação do mundo como um todo. Neste sentido, Kiernan (1998) observou que ocorrera uma revolução das tecnologias de informação e comunicação e que esta alterou permanente e fundamentalmente o cenário empresarial internacional, tornando a concorrência ainda mais presente, intensa, imprevisível, democrática e, resumidamente, difícil.

Strebel (1993), já afirmava que os mercados turbulentos, os rápidos avanços tecnológicos e as fronteiras políticas instáveis estavam mudando a face do mundo, os quais tomavam a forma de descontinuidades ou pontos de ruptura. Evidencia-se, nesse sentido, que o ambiente competitivo que se formava era caracterizado pelas incertezas, mudanças e rapidez com que estas precisavam ser assimiladas pelas organizações. Delineou-se, então, um ambiente de negócios, no qual as empresas atuam hoje, caracterizadas, por exemplo, pelo acirramento constante da competitividade.

De certa maneira, a incerteza e a instabilidade fizeram-se tão presentes no ambiente sócio-econômico, que se tornou comum afirmar que uma das poucas certezas organizacionais

que existem é que mudanças constantes se farão necessárias (DRUCKER, 2003; OHMAE, 2004).

Atravessando as décadas de 80 e 90, esse ímpeto de mudança que reconfigurou o mundo dos negócios, imergiu no século XXI ainda provocando reflexões. Todavia, antes e depois da mudança de século, os autores já se dedicavam a explicitar as implicações que esse novo cenário provocou nas organizações empresariais e, por consequência, no mundo corporativo.

Toffler (1985) argumentou que as mudanças na década de 80 colocaram em risco as empresas tradicionais, pois estas não estavam adaptadas ao novo funcionamento do ambiente que as cercava e argüia, visto que ao invés de rotineiro e previsível, o ambiente empresarial tornara-se instável, acelerado e revolucionário e, em tais condições, todas as organizações tornaram-se extremamente vulneráveis a forças ou pressões externas.

Corroborando, Hamel e Prahalad (1995) enfatizaram que a influência desse novo ambiente competitivo sobre as organizações empresariais concentrava-se em abalar e fragmentar as bases para o sucesso obtido no passado, quando, na maioria dos casos, a topografia do setor no qual se inseriam mudou mais rápido do que a capacidade da alta gerência de reformular suas crenças e premissas básicas sobre que mercados servir, que tecnologias deveriam dominar, que clientes deveriam atender e como obter o melhor desempenho dos funcionários.

Por outro lado, Hamilton e Cockerill (1995), levantando questões estratégicas, asseveraram que a globalização tornara-se um meio para que as empresas buscassem seus objetivos corporativos, criando ou protegendo uma vantagem competitiva e que esta tivera implicações para as estruturas e estratégias organizacionais.

Nesse contexto, os autores ressaltam a influência externa sobre estruturas e estratégias, indicando uma ligação sensível entre ambientes interno e externo, provocando assim, a obrigatoriedade de considerar fundamentos antes não considerados na tomada de decisões estratégicas.

Também Barreto (2002) observou os novos desafios empresariais provocados pela dualidade entre globalismo e localismo e como esta influencia a maneira como as organizações desenvolvem suas ações. O autor afirma que é comum da lógica capitalista manter quase sempre conflitos abertos contra a localidade e que, do ponto de vista empresarial, a racionalidade capitalista que impulsiona e desenvolve o ativismo produtivista, não encontra necessariamente equivalência nas dinâmicas locais.

Obviamente, essa colocação instiga a reflexão sobre a lógica paradoxal que circula a tomada de decisões empresariais, ao passo de que tanto localismo quanto globalismo, embora sugerindo movimentações estratégicas distintas, precisam ser equacionados e integrados ao processo decisório empresarial.

Ainda interpretando as mudanças enfrentadas pelas organizações, Naisbitt (1994) coloca que à medida que o mundo se integra economicamente, as suas partes componentes se tornam mais numerosas, menores e mais importantes, de forma que, enquanto a economia global cresce, o tamanho das partes encolhe até centrar-se em seu protagonista econômico menor e mais importante: o empreendedor.

Nesse sentido, as grandes empresas estão descentralizando e reconstituindo a si mesmas como redes de empreendedores. Essa descentralização estrutural, contrastante com a tradicional tendência ao gigantismo das grandes corporações, denota uma necessidade urgente de ganho de agilidade, flexibilidade e mobilidade que permita às organizações realizar mais e melhor em espaços de tempo menores.

Procurando evidenciar uma lógica contínua entre século XX e século XXI, Kiernan (1998), ao analisar as mudanças pelas quais as organizações têm sido submetidas e que são decorrentes da evolução constante dos agentes que influenciam seu desempenho e longevidade, assevera que tais mudanças não se restringem a aspectos estratégicos do negócio, e que, ao invés disso, questões localizadas em todos os níveis organizacionais foram afetadas e tiveram que desenvolver novos mecanismos de compreensão e de relacionamento com o ambiente, os quais o autor denomina Paradigmas Organizacionais.

Posto isso, entende-se que as intensas mudanças aplicadas ao ambiente empresarial, reconfiguraram a maneira como estas relacionavam-se com os agentes externos e imprimiu novas dimensões de exigência que provocaram uma busca por soluções mais aplicáveis e que melhorassem o desempenho final e sua competitividade.

3.2 – Tendências de Gestão

Assim como diversos autores se ocuparam de estudar as implicações que o processo de mudança estrutural iniciado nos anos 80 provocou nas organizações, o leque de soluções empresariais propostas pelos estudiosos é vasto e se propõe, em linhas gerais, a indicar o caminho mais adequado para que as empresas enfrentem essas mudanças e dinamizem seu desempenho, tornando-se capazes de prolongar sua existência.

Esse conjunto de soluções propostas, fundamentadas em mudanças, é contínuo e parece advir de uma fonte inesgotável de novas idéias. Apesar de não caracterizar-se como uma inovação – visto que, já na década de 60, Robinson (1962) afirmava que mudanças no ambiente empresarial faziam-se necessárias, pois era evidente que há cem anos o sucesso de um negociante dependia grandemente de sua penetração em campo não explorado e que já naquele momento o bom êxito estava condicionado à habilidade do negociante em firmar custo e preço e manter qualidade e serviço.

Senge (2004), ao constatar que o mundo se tornou mais interligado e os negócios se tornaram mais complexos e dinâmicos, coloca que o sucesso empresarial está cada vez mais ligado ao aprendizado. Para Esteves e Nohara (2011) esta probabilidade de sucesso relaciona-se tanto com a concepção quanto com a partilha de conhecimento, bem como pela obtenção de informação por meio da conexão entre recursos e capacidades, todavia, ao contrário do que ocorria antigamente, não é mais possível que a cúpula da organização resolva os problemas e todos tenham que seguir apenas as ordens dos grandes estrategistas.

Adiante, ao apresentar seu modelo de organizações que aprendem como o ideal para enfrentar os tempos atuais, descreve que as melhores organizações do futuro serão aquelas que descobrirão como despertar o empenho e a capacidade de aprender das pessoas em todos os níveis organizacionais, acende-se, pois a ideia que as MPE's podem buscar maior aperfeiçoamento em seus processos de gestão de pessoas (VELAZQUEZ *et al.*, 2016).

Por sua vez, Morrison (1997) questiona a condição organizacional passada apontando que, para sobreviver nesse novo mundo, às empresas precisam novos modelos de organização e que as metáforas para esses novos modelos são mais orgânicas do que mecanicistas, mais um conjunto de processos dinâmicos do que um organograma estático.

Nesta mesma linha, ao colocar em xeque à falta de mobilidade das organizações, Naisbitt (1994) assevera ao falar-se de *Downsizing*, reengenharia, organização em rede ou, mais recentemente, em empresa virtual, qualquer que seja a denominação, trata-se do mesmo fenômeno: as empresas precisam dismantelar as burocracias se desejam sobreviver e que, nesse contexto, as economias de escala estão dando lugar à economia de escopo.

Aponta-se necessário reconhecer que tamanho esforço em busca da flexibilidade e agilidade organizacional não é um procedimento rápido, embora urgente, visto que empresas que têm aprimorado esse funcionamento de organização flexível não adquiriram essa condição do dia para a noite, ao contrário, têm sido resultado de mudanças graduais, de repetidos ciclos de aprendizagem e de trabalho sistemático de anos (STREBEL, 1993).

Não obstante a necessidade expressa pelos autores de reorganização estrutural urgente, Drucker (1998) posicionou-se além das fronteiras organizacionais, e opinou que para manter uma posição de liderança obtida, uma empresa – seja grande ou pequena – precisa, cada vez mais, atingir e manter lideranças em todos os mercados desenvolvidos do mundo, além de exportar de qualquer país desenvolvido para outro.

Christensen e Hart (2003) opinam que essa necessidade das organizações de manter posições adquiridas decorre da ideia de que encontrar novos mercados ou produtos é, em si, um grande desafio e que a maioria das empresas de grande porte parece estar estabelecida em mercados saturados, com relativamente poucas oportunidades de crescimento, fundamentando a resistência empresarial ao estímulo criativo e inovador.

Por outro lado, ao comentar os desafios enfrentados pelas organizações na atualidade e opinar sobre que postura as organizações devem adotar, Pascale (2004) aponta que as empresas devem pautar-se pelos princípios naturais, visto que as organizações são coisas vivas e que a aceitação desse fato auto-vidente representa um enorme passo, visto que, nos negócios, tudo está cada vez mais conectado por meios físicos e eletrônicos.

Esse posicionamento, embora não convencional, não chega a representar uma inovação, devido ao fato de muitos autores, desde a década de 70, afirmarem que as organizações são seres vivos e devem ser observadas e estudadas como tal.

Por sua vez, a *Booz Allen Hamilton* (2004), contrariamente, se posiciona afirmando que para manterem-se aptas a continuar empreendendo suas atividades, as organizações devem preocupar-se, antes de tudo, com a eficiência daquilo que executam para garantir desempenhos satisfatórios.

Tais colocações trazem à tona o que parece ser uma “reinvenção” de soluções empresariais que foram elaboradas e utilizadas décadas atrás, como se, de forma cíclica, nova roupagem maquiasses soluções antigas. Centrados na perspectiva de oferecer novas soluções.

Lojacono e Zaccai (2004) apontam para o que dizem ser uma nova tendência essencial nos negócios: as empresas centradas no *design* - entendido como uma atividade essencial que confere vantagem mercadológica às empresas por trazer o significado emocional que produtos e serviços têm para os consumidores e ao captar o alto valor dessas ligações emocionais.

Certamente, os estudiosos que adotam essa linha de conclusão – que sugere manobras pontuais como focar-se no *design*, por exemplo – terminam por apenas repetir as contribuições dadas pelos autores que abordam a estratégia competitiva como ferramenta de gestão e limitam-se a exaurir as possibilidades de obtenção de vantagens mercadológicas através das diversas opções estratégicas existentes na literatura.

Tornando-se quase impossível esgotar o tema, visto a miríade de contribuições existentes que se propõe a analisar o atual ambiente de negócios e de gestão, ofertando asserções das mais diversas, parece adequado citar a necessidade de avaliar todas as perspectivas de forma crítica, visto que, o mundo dos negócios é constantemente atropelado por modismos e por análises modernas que, invariavelmente, denotam-se como antigas conclusões, idéias e soluções revestidas com novas embalagens, porém detentoras de escassa originalidade (SHAPIRO, 1999; PASCALE, 2004).

3.3 Papel e Importância das Micro e Pequenas Empresas

As MPEs detêm situação de destaque no atual cenário internacional e as implicações decorrentes de seu desenvolvimento têm sido objeto de incessantes estudos de pesquisadores e instituições do mundo inteiro. As razões para tamanha evidência tangenciam questões econômicas, sociais e políticas das nações e, por conseqüência, atribuem a estas uma condição estratégica de suma importância. Na Itália, por exemplo, as MPEs, organizadas em aglomerados de cooperação, desempenharam papel fundamental no desenvolvimento econômico e na geração de renda, proporcionando à região da *Emilia Romagna* um dos maiores graus de prosperidade do mundo (AMATO NETO, 2000; CASAROTTO & PIRES, 1998).

Já no final da década de 70, Barros (1978) opinava que formara-se um cenário promissor à existência das MPEs, cenário este que favoreceria seu sucesso e que apresentava as seguintes características:

- O surgimento de novas necessidades de consumo e, portanto, de uma diversificação de produtos e serviços;
- A atitude geral dos indivíduos face ao tamanho das empresas que, após a busca do gigantismo, passavam a constatar as vantagens e benefícios de empresas com porte mais humano;
- Novas estratégias de organização e técnicas administrativas, disponibilizadas às pequenas e médias empresas.
- O desenvolvimento de mercados financeiros que se organizavam melhor e, com o tempo, passariam a disponibilizar os recursos à prosperidade das MPEs;

- As diferentes classes políticas que, independente do sistema, capitalista ou socialista, descobririam as virtudes econômicas das pequenas e médias empresas.

No Brasil, com a consolidação de diversos aspectos citados, as MPEs avançam em representatividade e importância e, opina Koteski (2004), posicionam-se como um dos principais pilares de sustentação da economia brasileira, abrangendo sua participação em decorrência da contribuição de fatores como:

- Estudo recente elaborado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) mostra que parte dos pequenos empreendimentos é resultado da globalização e indica que esse fenômeno é decorrente da exigência de busca de maior eficiência que se impõe às grandes empresas, que, por sua vez, terceirizam as atividades de apoio ao negócio principal;
- Absorção de mão-de-obra demitida das grandes empresas em decorrência de avanços tecnológicos;
- Constatação de gradual redução de taxas de mortalidade de micro e pequenos estabelecimentos e uma expressiva taxa de natalidade de micronegócios;
- Estruturas flexíveis que permitem responder melhor e mais rapidamente às crises econômicas;
- Exigência de modernidade, que requer empresas mais enxutas, menores e com maior índice de produtividade.
- Espírito empreendedor do povo brasileiro: o país encontra-se em 6º lugar entre os 31 países mais empreendedores do mundo, segundo pesquisa da *Global Entrepreneurship Monitor*.

Reconhecer a importância das MPEs no Brasil torna-se uma conclusão lógica decorrente da observação dos números e características que as envolvem. Segundo o Boletim Estatístico de Micro e Pequenas Empresas do Sebrae (2005) foram criados no país, em 2002, 445.151 novos empreendimentos, uma média de 1.220 por dia. Nesse sentido, as MPEs evidenciam-se como a imensa maioria das empresas existentes no país, conforme apresenta a tabela 1:

	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
--	-------	---------	-------	--------	-------

Indústria	439.013	37.227	6.548	1.430	484.212
Construção	116.287	8.282	1.694	221	126.484
Comércio	2.337.889	105.891	4.862	2.846	2.451.488
Serviços	1.712.418	112.609	10.548	10.605	1.856.180
Total	4.605.607	274.009	23.652	15.102	4.918.370

Tabela 1 – Número de empresas formais, por porte e setor - 2002

Fonte: Adaptado de SEBRAE (2005)

Percebe-se que, em conjunto, as MPEs, em 2002, responderam por 99,2% do número total de empresas formalizadas existentes no país. Essa enorme massa empresarial também ocupa a maioria da população empregada, assim como geram relevante parcela da renda distribuída no país, conforme apontam as tabelas 2 e 3:

	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Indústria	1.571.608	1.471.254	1.322.673	2.256.721	6.622.256
Construção	356.660	339.777	327.135	284.005	1.307.577
Comércio	4.664.545	1.772.233	327.443	1.161.426	7.925.647
Serviços	3.374.388	2.206.611	722.852	5.402.593	11.706.444
Total	9.967.201	5.789.875	2.700.103	9.104.745	27.561.924

Tabela 2 – Número de pessoas ocupadas, por porte e setor - 2002

Fonte: Adaptado de SEBRAE (2005)

	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Indústria	5.490	10.038	15.761	42.311	73.601
Construção	1.179	2.168	2.664	3.108	9.118
Comércio	7.701	8.789	2.462	11.239	30.191
Serviços	7.788	12.887	6.579	75.717	102.971
Total	22.157	33.882	27.465	132.376	215.881

Tabela 3 – Massa de salários e rendimentos pagos, por porte e setor – 2002 (em R\$ milhões)

Fonte: Adaptado de SEBRAE (2005)

Constata-se que, mais uma vez em conjunto, as MPEs responderam, em 2002, por 57,2% dos empregos totais ocupados no país e por 26% da massa de salários e rendimentos pagos. Por outro lado, as MPEs desempenham papel de destaque na balança comercial nacional, ao serem responsáveis por uma considerável parcela do total de exportações realizadas. Segundo o FUNCEX (2002), o número de MPEs exportadoras em 1999 era de 10.944, em um total de 15.168, o que representa 72% do total. Todavia, apesar da numerosidade de empresas exportadoras, o montante exportado pelas MPEs correspondeu, em 1999, a apenas 15,1% do total, percentual este que apresenta queda constante desde o início da década de 90 e que aparenta simbolizar a estagnação do desenvolvimento de capacidades exportadoras das MPEs.

Apesar das MPEs serem volume dominante no universo empresarial, gerarem emprego e renda consideráveis e demonstrarem desempenho expressivo nas exportações, participando positivamente da balança comercial nacional, sua relevância estende-se além dos números. De fato, as MPEs são responsáveis por absorver uma grande parte da mão-de-obra nacional, inclusive capacitando trabalhadores que serão aproveitados pelas médias e grandes empresas. Enfatizando o papel destacado das MPEs, Silva (2000) observa:

- Um aspecto importante relacionado às MPEs é sua localização, ou seja, a pulverização de empresas pode contribuir, sob a perspectiva econômica e social, para minimizar as desigualdades regionais, visto que uma política de desconcentração de renda, através do incentivo à criação de pequenos distritos industriais ou a formação de um comércio na própria localidade pode ser uma alternativa para o desenvolvimento desta.
- As MPEs funcionam como base do princípio de sistema de livre empresa, princípio este, estabelecido pela concorrência entre elas, que é o responsável pela saúde de qualquer economia de mercado e a única forma de garantir um preço justo dos produtos, ou seja, as MPEs estão ligadas diretamente ao próprio bem-estar social.
- Por apresentar uma forte flexibilidade locacional, criando condições de expansão e, conseqüentemente, de desenvolvimento de áreas ignoradas pelas políticas governamentais, as MPEs possibilitam a fixação do homem no interior,

amenizando os grandes problemas ocasionados pelo êxodo rural e melhorando de forma natural a distribuição de renda, permitindo o desenvolvimento e a implantação de uma política habitacional, educacional, sanitária e ambiental, fundamentais para o desenvolvimento do país.

- A dimensão social das MPEs desempenha um papel determinante na solução dos problemas ligados diretamente às comunidades, podendo ser vista como base de atuação de prefeituras e câmaras municipais, para depois ampliar-se ao âmbito estadual e federal. Neste sentido, observa-se também que as localidades que possuem empresas de pequeno porte são consideradas como privilegiadas, em detrimento ao que ocorria antigamente, quando apenas as grandes empresas eram tidas como veículos de desenvolvimento.

Por outro lado, Tachizawa & Faria (2003), apontam para a importância das MPEs relacionada ao atendimento de novas exigências e expectativas dos consumidores que não são devidamente observadas pelas médias e grandes empresas, asseverando que, atualmente, produtos inteligentes são cada vez mais miniaturizados e os mercados estão sendo fragmentados em nichos e segmentos de clientes que podem ser melhor abordados através de TV a cabo, internet e mídia dirigida do que a tradicional mídia de massa – em muitos casos, a produção em larga escala e a mídia padronizada estão sendo substituídas por produção personalizada, portais interativos, *sites* dirigidos, comércio eletrônico e demais recursos da rede mundial, tendência esta que é aproveitada pelas MPEs e que incrementam a criação de novos negócios, novos produtos e serviços e de novas ocupações pelas micro e pequenas empresas.

Em suma, conclui-se que as MPEs obtêm importância destacada em esferas diversas e que o conjunto de suas atuações e de seu desenvolvimento apresenta-se como aspecto de destaque e condicionador à evolução econômica e social do país. Sua relevância, retratada em números, fatos e observações constantes, indica a necessidade de alinhar sua representatividade numérica à atenção dispensada por medidas governamentais, ações e estudos que objetivem aumentar sua competitividade e maximizar o efeito positivo do alcance de estágios empresariais mais elevados e maduros.

4. Considerações finais

Conclui-se que as intensas transformações ocorridas nas últimas décadas forçaram as nações a desenvolver estratégias de atuação fundamentadas, não mais em recursos naturais e sim em capital humano e tecnológico.

Tais mudanças, aos quais os ambientes competitivos foram submetidos, provocaram sensíveis alterações na forma como as organizações se relacionavam com o ambiente, assim como nas crenças a respeito das práticas de gestão adequadas para a obtenção do sucesso empresarial.

Esse cenário de mudança, portanto, resultou em diversas vertentes de re-desenho organizacional que objetivaram não apenas abordar fatores ligados diretamente às organizações, mas também propor alternativas viáveis que contemplassem os setores sociais afetados pela instabilidade e exigência constantes dos novos mercados.

Assim, o fomento ao desenvolvimento dos micros e pequenos negócios apresentou-se como opção assertiva no tocante ao atendimento das novas expectativas mercadológicas, absorção e capacitação de mão-de-obra, geração de renda, rapidez e flexibilidade organizacional, entre outros.

Sugere-se, então, o aprofundamento desta temática abordando outros municípios, o que torna o debate acerca da caracterização das micros e pequenas empresas mais robusta e holística. Como o estudo aplica-se ao município de João Pessoa, pode-se considerar uma limitação deste estudo. Assim, justifica-se a elaboração de pesquisas futuras.

Referências

AMATO NETO, J. **Redes de cooperação produtiva e clusters regionais**. São Paulo: Atlas, 2000.

BARRETO, F. Globalização, estado e estratégias de desenvolvimento local: notas exploratórias. In: ARAGÃO, Paulo Ortiz Rocha de; GLAVANIS, Pandeli Michel. (Org.). **Globalização e ajuste estrutural: impactos socioeconômicos**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2002.

BARROS, F. R. **Pequena e média empresa e a política econômica: um desafio à mudança**. Rio de Janeiro: APES, 1978.

BOOZ, A. H. A execução e o DNA corporativo. **HSM Management**. São Paulo, n. 47, p. 68–78, nov./dez., 2004.

CASAROTTO, N. F.; PIRES, L. H. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local**. São Paulo: Atlas, 1998.

CHRISTENSEN, C. M.; HART, Stuart L. A ruptura e o grande salto. **HSM Management**. São Paulo, n. 36, p. 80 – 84. Jan./fev., 2003.

DIANA, M. F.; CONEJERO, M. A.; MANGINI, E. R. O Uso do Sistema de Informação na Tomada de Decisão Mercadológica: um estudo de caso em uma MPE do setor imobiliário. **Revista da micro e pequena empresa**, v.11, n.3, p.54-67, 2017.

DRUCKER, P. F. **Administrando para o futuro: os anos 90 e a virada do século**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. A próxima sociedade e o management. **HSM Management**, São Paulo, v. 36, p. 115–119, jan./fev., 2003.

EICHENBERG, F. Mundo pós-tudo. **Primeira Leitura**. São Paulo, n.4, p.106–108, jun., 2002.

ESTEVES, G.; NOHARA, J. J. Fatores críticos à estabilidade das alianças estratégicas das micro e pequenas empresas. **RAI Revista de Administração e Inovação**. v. 8, n. 3, p.182–204, 2011.

FUNCEX. **Empresas exportadoras brasileiras**. Disponível em: <<http://www.funcex.com.br/>>. Acesso em: 11 out. 2013.

KOTESKI, M. A. As micro e pequenas empresas no contexto econômico brasileiro. **Revista FAE Business**. Curitiba, n. 8, p. 16–18, maio. 2004.

HAMEL, G.; PRAHALAD, C. K. **Competindo pelo futuro: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

HAMILTON, L.; COCKERILL, A. A globalização na indústria. In: CLARKE, Thomas; MONKHOUSE, Elaine. (Org.). **Repensando a empresa**. São Paulo: Pioneira, 1995.

KIERNAN, M. J. **Os 11 mandamentos da administração do século XXI**. São Paulo: Makron Books, 1998.

LEITE, M. D. S.; OLIVERA, M. M.; CWICKBOLDT, L. A.; LIMA, R. A. A. de.; RODRIGUES, R. R.; MACEDO, E. T. M. Desempenho acadêmico discente como potencial indicador de qualidade às instituições de ensino superior. **Revista Sodebras**. v.13, n.146, fev., 2018.

LOJACONO, G.; ZACCAI, G. Um novo modelo de negócio. **HSM Management**. São Paulo, n. 47, p. 98–106. nov./dez., 2004.

MORRISON, I. **A segunda curva: estratégias revolucionárias para enfrentar mudanças aceleradas**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NAISBITT, J. **Paradoxo global: quanto maior a economia mundial, mais poderosos são os seus protagonistas menores: nações, empresas e indivíduos**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

OHMAE, K. Empresas godzilla e as economias regionais. **HSM Management**. São Paulo, n. 46, p. 17–19. Set./out., 2004.

PASCALE, R. T. Você está pronto para a complexidade? **HSM Management**. São Paulo, n. 46, p. 40–44. Set./out., 2004.

ROBINSON, W. **Princípios fundamentais da organização de negócios**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1962.

STÁBILE, S.; BEZERRA, M. P.; DIAS, A. S. PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESA: UM ESTUDO DA INDÚSTRIA DE COSMÉTICOS. **Administração de Empresas em Revista**. v.17, n.18, p.148-167, 2017.

SEBRAE. **Taxa de Sobrevivência Micro e Pequenas Empresas no Brasil**. São Paulo: SEBRAE, 2011.

_____. **Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira**. Brasília/DF: SEBRAE, 2014.

_____. **Sobrevivência e mortalidade das empresas paulistas de 1 a 5 anos**. São Paulo: SEBRAE, 2005.

SENGE, P. M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Best Seller, 2004.

SHAPIRO, E. C. **A coragem de administrar: como se livrar de mitos, modismos e gurus para alcançar resultados lucrativos**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

STREBEL, P. **Breakpoints: como as empresas exploram mudanças radicais nos negócios**. São Paulo: Atlas, 1993.

SILVA, A. B. da. **Gestão de micro e pequenos negócios**. Apostila (Especialização em Gestão de Micro e Pequenas Empresas). Instituto de Educação Superior – IESP. 2000.

TACHIZAWA, T. ; FARIA, M. S. **Criação de novos negócios: gestão de micro e pequenas empresas**. Disponível em: <<http://www.sebraerj.com.br/data/Pages/SEBRAE96E056A5PTBRIE.htm>>. Acesso em: 11 out. 2014.

TOFFLER, A. **A empresa flexível**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

VELAZQUEZ, J. L.; LIMA, M. A. DE.; LIMA, C. R. M. DE.; LEITE, A. L. S. Contribuição do modelo de excelência em gestão para a avaliação da gestão de pessoas em micro e pequenas empresas de Caçador-SC. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**. v.9, n.3, p.118-153, 2016.